

Ridículo
(Belas Artes)

As coisas de que rimos têm sempre, segundo nosso juízo, algo de desatinado ou impossível, e o peculiar estado da mente que causa o riso surge da incerteza de nosso juízo, segundo o qual duas coisas contraditórias parecem igualmente verdadeiras. No instante em que queremos julgar que uma coisa é assim, sentimos o contrário disso; assim que formamos o juízo, ele é logo destruído. Quando sentimos cócega, rimos da incerteza de sentirmos dor ou prazer; diante de truques peculiares de prestidigitação rimos porque não sabemos se aquilo que vemos é real ou imaginário. Quando um tolo parece esperto, um jovem parece velho e um covarde medroso parece valente, ou quando alguém procura algo que tem nas mãos, nos sentimos dispostos ao riso, pois acreditamos ver coisas unidas que não poderiam existir ao mesmo tempo. Assim, todo iniciante em geometria sorri depois de ter lido a demonstração da proposição euclidiana sobre o suposto ângulo formado pelas tangentes do círculo com a circunferência: seu olho vê um ângulo, e seu entendimento lhe diz que não há nenhum ângulo ali. Nada é mais maravilhoso e surpreendente do que isso, que se executem duas ações opostas entre si ao mesmo tempo, que se diga sim e não ao mesmo tempo. Mas parece ser isso que fazemos nos casos mencionados, e daí resulta o regozijo com a coisa, quando ela é contemplada meramente como um objeto de curiosidade. Por que uma moça jovem e inocente às vezes ri quando deve dar anuência a algo que ela deseja vivamente? Justamente porque o pudor diz não, e o amor diz sim. Como ambos poderiam ocorrer juntos?

O riso tem seu fundamento apenas na faculdade de representar, na medida em

que ela julga a disposição das coisas como um objeto de curiosidade: assim que o coração toma parte nisso, o riso cessa. Ouvi um riso sonoro frente à improvável aparição de uma pessoa amada, que se supunha estar a cem milhas de distância, que logo deu lugar a lágrimas da mais terna alegria. No primeiro instante dessa aparição apenas a faculdade de representar agiu, que sentiu o peculiar e impossível da coisa, que uma pessoa ausente devesse, contudo, estar presente. Deixamo-nos levar pelo sentimento do coração assim que a presença real é clara e a incerteza dissipada. Portanto, o riso dura apenas enquanto dura a incerteza e enquanto a coisa é enigmática. Por isso nenhum homem se regozija com os mais peculiares truques de prestidigitação, assim que sabe como eles ocorrem; por isso alguns homens riem das coisas, ao passo que outros lhes são inteiramente indiferentes; os ridentes não têm bastante perspicácia ou atenção para solucionar o enigma ou para suspender a incerteza. Por isso é necessário um embaralhamento artificial das coisas a fim de fazer rir homens perspicazes e não simplórios.

Parece que os vários tipos do ridículo se deixam conduzir a dois gêneros principais, que são opostos aos dois gêneros principais do verdadeiro.

O primeiro gênero surge da união de coisas tais que, segundo nossos conceitos, não poderiam estar juntas; pois uma suprime a outra. O segundo, da união de coisas, às quais não se pode dar nenhum fundamento, e cuja composição é incompreensível e aventureasca. Daremos ao primeiro gênero o nome de ridículo desatinado e, ao outro, de aventureesco. Cada um compreende mais de um subtipo; mas seria demasiado amplo esclarecer todos. O que segue pode servir satisfatoriamente como prova.

O ridículo desatinado surge de diversos modos; primeiramente, do contraditório. Se o tolo (*) parece

(*) Termo do dialeto suíço. *Geck* (*Gek*): tolo; jovem, homem imprestável. In: *Schweizerisches Idiotikon online*, Bd. II. [NT]

esperto, o medroso, valente; o idoso horrível parece belo e jovem, o ignorante, erudito e assim por diante, então eles caem totalmente no ridículo. Exemplos disso podem ser encontrados em abundância por toda parte. Assim, tornamos ridículos os homens cujos discursos e ações são apresentados de tal maneira que essa contradição ressalte. Frequentemente nos levam ao riso na comédia quando fazem com que as pessoas ajam exatamente ao contrário de como imaginam agir; ou quando se lhes depara o contrário daquilo que esperam; sob a condição de que não nos interessemos por elas apenas seriamente. Sem motivo, Voltaire considera esse o único ridículo, aquele que provoca um riso sonoro (*). Mas, em geral, ele acaba apenas no baixo. Quando pessoas de gosto riem de tais desatinos, estes devem todavia ter algo refinado, a contradição não deve saltar aos olhos de imediato, deve haver alguma perspicácia para senti-la ou o desatino deve ser peculiar e extraordinário.

Além disso, o meramente falso ou imperfeito será ridículo se se elevar ao desatino; como se veem em diversas caricaturas exageradas. E, então, ele ganha um encanto ainda mais forte se for distinguido enfaticamente sob a aparência de seriedade. De sorte que a extrema fanfarronice de *Miles gloriosus* (*) de Plauto é ridícula quando ele diz:

Postridie natus sum ego – quam
Jupiter ex Ope natus erat (*).

E fica ainda mais ridícula quando seu escravo acrescenta com fisionomia séria:

Si hic pridie natus foret quam ille,
hic haberet regnum in cœlo (*).

Em terceiro lugar, esse ridículo também é produzido pelo uso desatinado ou pela interpretação de pensamentos ou

palavras corretos em si mesmos. Desse modo, se torna ridículo, ou aquele a cujas palavras se imputa um sentido desatinado, ou aquele que as entende de modo desatinado. Quando Antíoco amotinou Aníbal contra os romanos, mostrou a esse general seu exército, absolutamente suntuoso e ricamente aparelhado, porém provavelmente ruim, e depois lhe perguntou se não acreditava que esse exército seria suficiente contra os romanos, o esperto cartaginense responde que os romanos lhe eram conhecidos por serem um povo muito ávido e acreditava que se contentariam com ele. Aqui, Aníbal atribui às palavras do rei um sentido completamente desatinado. Assim também há no *Avaro* de Molière más interpretações ridículas, pois Harpagão diz coisas de sua caixinha de tesouros que um outro interpreta como se fosse uma moça. Esse ridículo se eleva às alturas quando as más interpretações ocasionam disputas sérias entre as pessoas que interpretam tão desatinadamente as palavras umas das outras.

Em quarto lugar, o ridículo desatinado surge também da comparação de coisas que não poderiam ser comparadas; quando são comparadas coisas grandes com pequenas ou pequenas com grandes, como quando Scarron, no famoso epigrama, compara a queda de estados grandes e poderosos com a sua barbela rasgada. A maioria das paródias pertence a esse tipo de ridículo. Também o ingênuo que acaba no ridículo pertence a esse tipo (*).

Talvez haja mais tipos de ridículo desatinado.

O ridículo aventureesco compõe o segundo gênero principal. Ele ganha sua força numa junção extremamente peculiar de coisas, à qual não se pode dar qualquer razão. Esse é o gênero que Horácio menciona no início de seu texto sobre a arte poética.

(*) *J'ai cru remarquer qu'il ne s'élève presque jamais des éclats de rire universels qu'à l'occasion d'une méprise – Il y a bien d'autres genres de comique – mais je n'ai jamais vu ce qui s'appelle rire de tout son coeur – que dans ces cas approchant de ceux, dont je viens de parler.* No prefácio de *L'Enfant prodigue*. [NA] “Acredito ter observado que quase nunca se ouve explosão universal de riso senão quando se despreza. – Há muitos outros gêneros de cômico – mas jamais vi o que se chama rir com todo o coração senão naqueles próximos do que acabo de falar”. [NT]

(*) *Miles gloriosus* (*O soldado fanfarrão*) é uma comédia de Plauto, datada aproximadamente entre 206-205 a.C. [NT]

(*) “Nasci no dia seguinte ao dia em que Opi pariu Júpiter”. [NT]

(*) Mil. Glor. Act. IV. s. 2. [NA] “Se tivesse nascido um dia antes dele, o reino do céu seria seu”. [NT]

(*) Ver *Ingênuo*. [NA]

Humano capiti cervicem pictor equi-
nam
Jungere si velit et varias inducere
plumas,
Undique collatis membris et turpiter
atrum
Desinat in piscem mulier formosa
superne.
Spectatum admissi risum teneatis
Amici? (*)

(*) “Suponhamos que um pintor entendesse de ligar a uma cabeça humana um pescoço de cavalo, ajuntar membros de toda procedência e cobri-los de penas variiegadas, de sorte que a figura, de mulher formosa em cima, acabasse num hediondo peixe preto; entrados para ver o quadro, meus amigos, vocês conteriam o riso?” Horácio. *Arte poética*. In: *A poética clássica*. São Paulo: Cultrix - Edusp, 1910, p. 55. [NT]

Aqui estão, primeiramente, as aventuras peculiares, cuja coerência ninguém penetra, tais como as que aparecem nos romances de cavalaria e nos romances cômicos, tramas e incidentes farsescos, tais como se veem em algumas comédias. Depois, o aventureesco e farsesco nas ideias, falas e ações daqueles homens que são verdadeiros originais, que fogem totalmente à ordem da natureza, que sempre pensam e agem como nenhum outro homem faria. Além desses, o peculiar e aventureesco em comparações de coisas entre as quais apenas uma fantasia selvagem e digressiva descobre semelhanças, que não ocorreriam a nenhum homem de pensamento comum. Desse tipo de ridículo encontram-se ricos frutos no *Hudibras* de Butler. Não apenas seus heróis são tolos farsescos e aventurescos, mas as constantes alusões das ações mais banais desses originais inferiores a acontecimentos muito sérios e empreitadas dessa época fazem esse poema ser muito prazeroso.

Isso é o que tinha a dizer sobre a característica dos objetos ridículos.

O próprio riso também é de diversos tipos; pura e simplesmente divertido ou misturado a outras sensações, segundo a circunstância de sua motivação. Quando descobrimos o ridículo em coisas fortuitas, ele produz um efeito muito diverso daquele que percebemos em pessoas cuja simplicidade ou tolice seria sua razão de ser. No primeiro caso, ele é

pura e simplesmente divertido, tal como em acontecimentos farsescos peculiares. Mas se ele surge da simploriedade, então já se mistura nele uma pequena inclinação à zombaria; vemos com prazer que alguns se mostram menos perspicazes do que nós. Mas se ele tem por fundamento a tolice, ou se se refere a pessoas às quais não estamos inclinados ou mesmo que odiamos, então nele se misturam zombaria ou desprezo. A alegria de ver pessoas humilhadas, às quais não desejamos nada de bom, já é suficiente para nos fazer rir.

Disso surgem os diversos usos do ridículo nas belas artes. Ele serve ou para o divertimento, ou para a advertência, ou para o castigo.

Do valor e dignidade das obras que servem apenas ao divertimento já se falou em outra parte (*). Aqui só contemplamos a matéria dessas obras e seu tratamento. O riso puro surge do desatino que não tem por fundamento nenhuma tolice da qual poderíamos escarnecer. Aqui também estão os tipos do riso aventureesco, do qual acabamos de falar. Todos os principais ramos das belas artes podem utilizar esse ridículo. A poesia, de vários modos, preferivelmente em narrativas chistosas e na comédia; a arte da dança e a música nos balés cômicos; as artes do desenho de vários modos, mas preferivelmente em peças histórico-cômicas.

Mas se esse tipo de ridículo deve ser utilizado de modo digno às belas artes, não deve acabar no mau gosto ou no baixo grosseiro, mas ser temperado com o gosto refinado. Assim que perde a aparência de realidade ou a verossimilhança, ele será de mau gosto e parvo. Apenas a plebe, que nunca raciocina, se deixa deslumbrar, pois considera reais os desatinos inventados grosseiramente e ri quando, em maus espetáculos farsescos, um homem tropeça em alguém que havia visto; ou quando se faz de cego

(*) Ver *Chistoso*. [NA]

e surdo quando todos sabem que ele não o é; ou quando alguém diz ou faz algo ingênuo, embora se note que é apenas uma enganação farsesca. Nosso palco alemão felizmente se começou a se libertar de tais farsas, das quais nem mesmo Molière está livre; mas as óperas cômicas não raro as introduzem novamente. Para evitá-las o artista deve se precaver contra o exagerado e o improvável. O pintor de caricaturas deve manter a fisionomia humana dos homens e combiná-la de maneira hábil e verossímil com a fisionomia de uma ovelha ou de uma coruja, de modo que homens inteligentes, e não homens de cabeças parvas, as considerem reais. Se se coloca uma cabeça felina real num corpo humano, a coisa será apenas insensata e não mais engraçada.

Se o poeta ou pintor quer nos regozijar com a descrição de homens cujos caracteres e costumes se opõem ridiculamente aos nossos, então ele não nos deve mostrar homens completamente parvos e de mau gosto. Desprezamos esses à primeira vista; tampouco homens de cuja realidade imediatamente duvidamos; pois esses não atraem nossa atenção para si.

Não imaginem que apenas a fantasia aventureira pertença a esse tipo de ridículo; sem engenho sagaz e grande perspicácia ninguém será bem-sucedido nele. É igualmente difícil escrever um romance como o *Gil-Blas* (*), quanto fazer um poema heroico; e a própria história da arte comprova quão poucos desenhistas puderam alcançar o espirituoso das caricaturas de um Da Vinci ou um Hogarth. Apenas homens mais perspicazes do que nós veem semelhança e contraste reais, não meramente inventados, entre as coisas e, com isso, nos colocam em estado de dúvida e no tipo de admiração necessária ao riso. A arte de gracejar é tão rara quanto outros talentos

que a natureza concede a poucos.

O uso do ridículo para advertir e aprimorar os homens é mais importante. Para aquele que tem sentimento de honra nada é mais abominável do que o perigo de ser desprezado ou até zombado, e quase não há paixão com a qual se pode realizar tanto quanto com essa. Alguns preferem que antes se lhes roube sua riqueza ou mesmo a vida a se verem ridicularizados. Nisso o artista pode conseguir renome: se ele despertar o medo de ser ridicularizado no momento oportuno, ele pode curar os homens de toda insensatez, de todo preconceito, de todo mau hábito, e manter toda paixão perniciosa sob controle. O ridículo do primeiro gênero é mais apropriado para esse uso; ele só pode ser aplicado a homens que se quer ridicularizar. O teatro cômico dá a melhor ocasião para este fim; pois todos os outros tipos comovem menos, visto que lhes falta o espetáculo, mediante o qual toda impressão é vivificada (*). Pode-se aplicar à comédia zombeteira o que Aristóteles diz da tragédia: ela liberta da tolice pela tolice. Na medida em que põe o insensato a nu e o tolo diante do riso público, desperta o medo de ser ridicularizado. Rousseau lhe recusa essa utilidade; mas aqui ele viu o assunto sob uma luz um pouco falsa. Há, todavia, tolos que nunca percebem que são ridículos; esses não se podem melhorar. E quantos homens não encontramos que apenas imitam a tolice de outros? Podemos ter em nós insensatez e juízos desatinados que não são produzidos em nosso próprio espírito, que não surgiram do nosso modo incorreto de ver; nós os encontramos introduzidos e apenas não nos ocorreu verificá-los pela pedra de toque da razão. Se aparece alguém mais esperto, que nos faz descobrir o ridículo deles, nós o reconhecemos e nos livramos deles. Alguns se entregariam à insensatez ou a preconceitos por carência

(*) *L'Histoire de Gil Blas de Santillane* é um romance pícaro de Alain-René Lesage, publicado entre 1715 e 1735, e considerado o modelo desse gênero. [NT]

(*) Ver *Espetáculo*. [NA]

de reflexão, por leviandade; mas se se antecipa a ele com o ridículo, então ele se acautela. Quantos eruditos não deixariam de ser pedantes se o pedantismo fosse ridicularizado? Rousseau não ponderou que a tolice não é própria apenas dos tolos, mas contagia também os sensatos, tal como o vício não é próprio apenas dos homens censuráveis, em cujo coração ele surge, mas também pode precipitar-se nos homens bons. Não se pode curar um tolo nato e insensato; mas homens sensatos podem ser libertados da insensatez e dos preconceitos que adquiriram por contágio, ou acautelados contra um futuro contágio. Isso não deveria ser muito mais fácil e natural do que se contagiar? Frequentemente as tolices de todo um povo provêm de uma única cabeça confusa; por que então não deveriam ser repelidas por uma cabeça inteligente? Já falei sobre isso mais detalhadamente em outro lugar (*).

Quando se tem como fim o aperfeiçoamento, a própria tolice deve ser ridicularizada, não a pessoa do tolo que se quer aperfeiçoar. Deve-se até mesmo tomar cuidado para que ele não se creia atingido pessoalmente; primeiro ele deve rir junto sossegadamente, e apenas no final se deve dizer-lhe:

— Quid rides? mutato nomine de te Fabula narratur (*).

Mas sobretudo para curar homens da insensatez ou adverti-los quanto a ela, não se devem levar tolos completamente repreensíveis e grosseiros ao palco. Eles são incuráveis e devem estar no hospício; para outros, eles são inofensivos, pois não os contagiam. Nenhum homem que tenha ainda algum entendimento acredita estar na situação de ser ou se tornar completamente ridículo. Portanto, ele não se identifica quando lhe são apresentadas tolices muito grosseiras. Neste caso, deve-se proceder tão

cautelosamente como diante da ameaça de punição de um delito. Não se pode assustar com a forca ou a roda um homem que ainda tem senso de honra, elas estão fora de seu círculo; e, do mesmo modo, o hospício não é advertência que se poderia dar a homens sensatos.

Quem se reconhece no Tartufo de Molière ou em Harpagão não será aprimorado com isso; pois ele já perdeu todo o pudor; contudo, um Tartufo ou Harpagão mais refinado não refere esse ridículo grosseiro a si mesmo.

Por isso o poeta cômico que quer libertar os homens da insensatez ou advertir sobre ela deve ser cauteloso tanto na escolha do ridículo, como na sua descrição dele. Para nos curar, ele não deve nos fazer sentir vivamente as tolices grosseiras, que nós mesmos percebemos o suficiente, mas sim nossa própria insensatez, que não percebemos por desatenção ou por falta de perspicácia. Se ele descobre uma insensatez disseminada, que nós poderíamos ter deixado passar, que não temos, mas que poderíamos adquirir, então ele nos averte a tempo; consideramo-nos bastante precavidos por nós mesmos das tolices grosseiras.

Aqui é fácil ver que somente as mentes mais perspicazes, que veem muito além do que outras de homens também sensatos, estão dispostas a essa obra. Quem não percebe todos os outros homens, não deve se arriscar nisso. Daí resulta que poetas cômicos desse tipo sejam tão raros. Quando se trata do mero regozijo, do qual falamos antes, isso não tem tanta importância; um bom humor cômico já serve suficientemente para isso, ainda que este seja um dom bastante raro. Mas aqui é necessário também um julgamento universal e importante dos homens e costumes. Recordamos isso para advertir jovens poetas cômicos para que não se arrisquem cedo demais nesse campo; primeiramente eles podem tentar

(*) Ver *Réflexions philosophiques sur l'utilité de la poésie dramatique*.

In: *Memórias da Academia das Ciências da Prússia*, ano de 1760, p. 337 e seg. [NA]

(*) “De que estás rindo? É a ti que se refere a história, apenas com o nome trocado”
Frase atribuída a Horácio. [NT]

nos regozijar; mas antes de tentarem nos curar com o ridículo, devem estar bem certos de que não se descuidaram não tanto dos tolos comuns, mas também dos homens espertos. Para isso é necessário um enorme conhecimento dos homens e do mundo, amparado pelos mais profundos exames da filosofia. Mas aqueles que conquistaram esse conhecimento e exame mediante longa observação e reflexão aguçada, raramente possuem também o humor cômico para fazer uso dele.

Que o teatro alemão tenha apresentado pouca coisa boa nesse gênero deve ser atribuído antes a essa dificuldade do que à falta de insensatez, como acreditam alguns. É verdade que a Alemanha tem poucos originais cômicos para nos regozijar comparativamente a outros países, onde se vive mais livremente e se preocupa menos com os outros para que se aja como eles. O alemão teme parecer inábil e não tem coragem suficiente para se abandonar à sua opinião; por isso ele é menos original do que alguns outros. Mas ele realmente não carece de preconceitos e insensatez. *Non deest materia, sed artifex* (*). Faltam-nos espíritos que nos observem de uma certa altura e que tenham bastante vontade e humor para se misturarem a nós e nos indicar o ridículo que descobriram. Wieland está a uma altura suficiente para abranger com a vista sua nação, e tampouco lhe falta humor. Mas ele segura o espelho tão alto, que somente aqueles que têm a visão mais apurada veem claramente nele: para se deixar corrigir por ele das tolices mais ocultas deve-se estar muito longe das tolices comuns. Lessing parece estar mais inclinado à musa trágica, e seu riso leva, na maioria das vezes, à amargura. Nesse gênero, Liscow teria prestado grandes serviços ao teatro cômico, se tivesse se dedicado a isso.

O tratamento desse gênero parece

ser uma das partes mais difíceis da arte. Um grande esmero é necessário para a verossimilhança; pois faltará necessariamente finalidade tão logo o espectador creia que tais tolos, como lhe são apresentados, não existem. Ao mesmo tempo, o desatinado disso deve ser totalmente ressaltado. Talvez não seja impossível esclarecer aqui os diversos modos de proceder. Na verdade, estes deveriam concordar com os diversos modos de se refutar um erro: a insensatez é um erro, cuja contradição deve ser trazida à luz. Se alguém quisesse se esforçar, como Aristóteles, para escrever sua refutação; então poderíamos reconhecer todos os modos possíveis de tornar o ridículo muito manifesto. Talvez não seja inútil dar apenas alguns exemplos disso.

Um modo de refutar é aquele que mostra a falsidade duma proposição falsa que se considera verdadeira pelos importantes efeitos derivados dela, dos quais o último é um desatino manifesto. Às vezes se pode proceder exatamente assim para colocar a insensatez sob uma luz ridícula. Assim, a célebre conversa entre Pirro e Cíneas daria uma bela cena numa comédia. Este queria fazer Pirro perceber a insensatez de lutar contra os romanos (*).

Cíneas: Os romanos devem ser um povo muito bélico — mas nós os derrotaremos. Mas o que nos auxiliará na vitória que os deuses nos concederão?

Pirro: Isso é claro. Uma vez que tenhamos subjugado os romanos, ninguém mais nos oporá resistência em toda a Itália, nem gregos, nem bárbaros. Assim, seremos senhores de toda a Itália.

Cíneas: Bom, e quando tivermos conquistado toda a Itália, o que faremos depois?

Pirro: Não vês que, então, poderemos ter também a Sicília? O que nos impediria de conquistar essa ilha alegre e populosa?

(*) “Não falta a matéria, mas sim o artífice.” [NT]

(*) Plutarco. *Vida dos nobres gregos e romanos*. [NT]

Cíneas: Isso me agrada. Agora tudo ali está em desordem depois da morte de Agátocles. Então esse deve ser o fim de nossa conquista?

Pirro: Tu não refletas bem sobre o assunto, Cíneas. Tudo isso será apenas o prelúdio de maiores empreendimentos. Quem não desejaria a tão próxima África e Cartago, uma vez que já tem a Itália e a Sicília? — Tu não viste que Agátocles velejou secretamente da Sicília até lá com poucos barcos e quase se tornou senhor daqueles? Quem então nos oporá resistência, já que temos tão grande poder?

Cíneas: Ninguém. Depois poderemos retornar, tomar de volta a Macedônia e dominar todos os gregos. Isso é certo. Mas o que faremos por fim, depois de todas essas vitórias e conquistas?

Pirro (sorrindo): Meu caro Cíneas. Depois viveremos bem tranquilamente; dados diariamente a banquetes e prazeres, e seremos lascivos.

Cíneas: O que nos impede de fazer isso agora? Por que devemos procurar algo ao longe com tanto trabalho, com tanto perigo, com tanto derramamento de sangue, que já está sob nosso poder, já que realmente possuímos tudo aquilo que é necessário àquela vida lasciva?

De modo semelhante, pode-se empregar também outros tipos de refutação para provocar o ridículo; dos quais a indução, ou menção de casos semelhantes, não é desprezível. Poder-se-ia fornecer um tipo de tópica que contivesse todos os meios de trazer o ridículo à luz; contudo a perspicácia e o humor cômico estão sempre pressupostos no seu uso dela. Pois sem gênio se aprende tão pouco a arte de zombar quanto outras artes. Cícero desejava ter um sistema dessa arte; embora ele logo tenha visto que a natureza deveria fazer melhor nesse quesito (*). Mesmo que a comédia tenha ocasião mais oportuna de fazer uso desse tipo de ridículo, ele

pode ser bem utilizado em quaisquer outros gêneros; em todos os gêneros poéticos; no diálogo, gênero mais caro a Luciano; no epigrama. Pode-se ver o mais claramente pelas obras de Hogarth, sobretudo pelos seus desenhos para o *Hudibras*, que o ridículo se refere também às artes do desenho. Ao orador ele pode ser o mais vantajoso: em geral, ele ganha com seu tema quando sabe tornar seu oponente ridículo; pois estamos inclinados a nos voltarmos para o partido do que ri. Não raro, uma palavra, com a qual uma longa demonstração do partido oposto é ridicularizada, faz as vezes da mais profunda refutação.

A arte de zombar delicadamente de uma insensatez tem grande utilidade também na vida comum; não apenas para se proteger contra os tolos, mas sim para libertar os homens da insensatez e dos preconceitos. É uma verdadeira sorte ter entre os conhecidos alguém ao qual nenhuma insensatez passa despercebida, e que sabe torná-la sensível de um modo delicado e não molesto. Tal como o trato com o belo sexo torna os homens mais educados e amáveis e os liberta da aspereza ligada a seu sexo; assim também o trato com zombeteiros delicados serve para nos livrar da insensatez.

Mas seria desejável que esse dom de zombar fosse concedido apenas a homens íntegros; pois facilmente se faz mau uso dele. Com razão, Rousseau censurou Molière pelo recorrente uso imoral que fez dele; e quem não conhece zombeteiros famosos que tentaram ridicularizar objetos dignos de estima? O célebre conde Shaftesbury tentou em vão convencer o mundo de que o ridículo, ao qual se tenta ligar a verdade e o mérito, não se liga a eles, mas é, antes, sua pedra de toque (*). A experiência ensina o contrário. Cícero observa em algum lugar que, de tanto rir de alguém, quase virou ele mesmo o tolo (*). É muito mais fácil achar algo

(*) *Cujus utinam artem aliquam haberemus! sed domina natura est.* *De Oratore* Lib. II. [NA] “Qualidades que, infelizmente, não são ensinadas por uma ciência, mas são fornecidas pela natureza”. [NT]

(*) *Essay on the freedom of Wit and Humour.* [NA]

(*) *Adeo illum risi, ut pene [paene] sim factus ille.* [NA] “Ri tanto dele que quase me tornei ele”. [NT]

ridículo quando se tenta reiteradamente imaginá-lo de uma perspectiva ridícula. Temos muitos exemplos de que do chiste surge a seriedade. Portanto, é sempre perigoso procurar algo ridículo nas coisas que devemos estimar. Aqueles acostumados a ler a *Eneida* de Scarron dificilmente lerão a própria *Eneida* com a seriedade que, do contrário, teriam encontrado nela.

Temos de contemplar ainda o terceiro uso do ridículo; aquele utilizado para o castigo da maldade. Cícero não reconheceu esse uso importante do ridículo; ele fala claramente que malfeitores deveriam ser castigados mais duramente do que com zombaria (*). Mas isso não acontece sempre. Há criminosos que estão acima das leis; outros são uma peste para a sociedade humana e sabem fazer o mal tão arditamente que sequer se podem utilizar as leis contra eles. Esses só podem ser castigados com o chicote do zombeteiro; é o único modo de se vingar deles. Não se pode aprimorá-los com isso; e essa não é a intenção do zombeteiro, ele quer apenas causar-lhes dor; e ele o faz. Pois disso ainda pode resultar um bem, que o criminoso seja desprezado por todos, o que pode lhe colocar grandes

(*) *Facinorosos majori quadam vi quam ridiculi vulnerari volunt.* *De Oratore* L. II. [N. A.] “Os homens querem que os delinquentes sejam golpeados por uma força maior do que a do riso”. [NT]

obstáculos no caminho relativamente a outras práticas do mal. Quem tem o desprezo geral raramente é temido.

Aquele que procura tornar um criminoso desprezível, o qual não se pode alcançar com as leis, não precisa ser tão cuidadoso na sua zombaria. Também a plebe deve zombar dele; portanto, tudo que o ofende pode ser usado contra ele. Se mentes mais refinadas não podem rir quando Tartufo se deixa enganar tão grosseiramente na sua loucura apaixonada; mesmo assim lhes agrada ver que a plebe ri. Até mesmo a tolice mais improvável que se imputa a ele pode surtir bons efeitos. Aristófanes acusa Sócrates, n’*As Nuvens*, de tantas tolices grosseiras que nenhum sensato riria delas; mas o filósofo pode se tornar desprezível para alguns homens simplórios.

A chamada antiga comédia em Atenas deu oportunidade aos poetas de utilizarem o ridículo com esse fim. Talvez nenhum outro homem tenha sido tão hábil nesse tipo de zombaria quanto Aristófanes. Nossas atuais constituições civis coibiram esse uso, ou quase completamente ou, ao menos, em boa parte. Porém, falarei sobre isso em outro lugar (*).
(JFM)

(*) Ver *Sátira*. [NA]